Newton: Poema

José Agostinho de Macedo



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Newton: Poema

José Agostinho de Macedo

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

NEWTON,

POEMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA,

Na Impressão Regia. Anno 1813.

Com licença.

Sciscitanti cælestium causas, domesticus _Interpres._

Seneca, Cons. ad Marcian.

PROEMIO.

O Mundo deve aos Conquistadores desgraças, lagrimas, e lutos; o Mundo deve a Newton verdades, sciencia, e luzes. Se inquietar os homens tem merecido tantas Epopéas, porque não merecerá hum Poema quem illustra, e quem ensina os homens? Ah! se chegará o tempo de se conhecer, que huma penna he mais util que huma espada! Canta-se com enfasi quem conquistou huma Provincia, e porque não

ha de ser cantado aquelle de quem se póde dizer, que conquistára a Natureza, obrigando-a, á força de estudo, e engenho, a revelar seus mais reconditos arcanos? He preciso que conheçamos que o Imperio da Poesia tem limites muito mais extensos do que até agora se julgava; e eu creio que o seu melhor emprego he a contemplação, e a exposição deste sempre antigo, e sempre novo quadro, que se chama a Natureza. A simples intuição de seus prodigios, e o estudo destes mesmos prodigios, dilata, e accende mais a imaginação do verdadeiro Poeta, que todas as chamadas grandes acções dos Conquistadores, ou perturbadores da Terra. Se o homem só se deve chamar grande, quando he verdadeiramente util aos outros homens, quem poderá pôr em dúvida que os descobrimentos, e as mesmas hypotheses de Newton sejão mais uteis aos mortaes do que as expedições da Cruzada, que derão a materia ao Poema de Tasso? Quem illustra a humanidade he maior que quem a diminúe. Newton merecia hum Poema, as Musas lho devião, eu satisfiz esta divida; se a satisfiz bem, a critica o dirá; em quanto aos miseraveis reparos da escura Inveja, prepare-se esta, porque a mesma chamma, que se me desprendeo n'alma para cantar Newton, me obriga a consagrar igual tributo de louvor a Buffon.

NEWTON, POEMA.

CANTO I.

Já da Aurora ao clarão suave, e puro
Cedia o campo azul do immenso espaço
D'estrellas recamada a noite umbrosa;

Nuncia do dia, ás lucidas esferas,
Da luz primeira undulações mandava.
Das mãos de neve, e do purpureo rosto
Brancas brilhantes pérolas cahião
No verde esmalte dos rizonhos prados;
De ondas immensas de escarlata, e d'ouro
Era o ceo do Oriente envolto, e cheio;
E pelo espaço liquido dos ares
Os adejantes Zéfyros das azas
Da manhã fresca os hálitos soltavão;
E a vaga turba aligera nos bosques,
Dava o tributo dos primeiros hymnos
Da Natureza ao renascente quadro.
Quasi rompia o flammejante disco,
Que onde soberbo, e vívido fulgura,
Prazer espalha, e graças aviventa,
E mostra em luz envolto o Mundo ao Mundo.
Depondo o pezo do voraz cuidado,
(Amargo pezo da existencia minha!)
Eu no prazer do esquecimento envolto,
E, á desgraça esquecido, então pousava.
Do doce somno em balsamos immerso,
Somno em que meiga a Natureza furta
Á existencia mortal trabalho, e magoa;
Eis-que sinto levar-me...(e como, e onde
Eu não posso dizer.) Voei nas azas
De arrebatados extasis sublimes.
Sonho, sonho não foi; que mil confusas

Na fantasia imagens apresenta.
Extasi foi sómente, e arrebatado
Eu fui de hum Genio habitador do Olympo,
Que ao pensamento do mortal qu'indága
Abre do eterno arcano eternas portas,
E, n'hum centro de luz, lhe mostra o immenso
Da Natureza o variante quadro.
Do Grande Scipião dest'arte á vista
Talvez n'hum tempo se mostrasse a Gloria,
Que a prosseguir na bellicosa estrada
Lhe manda, e lhe descobre o alto destino,
Que aniquilla Carthago, exalta Roma.
Já pizo o aereo cume, e a luz brilhante
Auri-luzente se diffunde, e espalha.
Como do meio do profundo Oceano
Costuma alçar-se desmedido escôlho,
Que vê quebrar-se nas eternas bazes,
Já languida, e sem força onda espumante:
Se olha do cume as voadoras nuvens,
E os ressonantes tumidos chuveiros,
Se ouve o horrendo fragor do accezo raio,
Sereno permanece, e sente apenas
Que a triste escuridão nas faldas pousa;
E onda, e vento debalde a baze açoita.
Assim eu, levantado á immensa altura,
Hum ar tranquillo e puro, e luz mais clara
Bebo em torrentes, e descubro apenas
Grossas nuvens pousar na Terra inerte.

Eis no gremio da paz serena, e doce,
Se me antolha pizar de Heróes o alcaçar,
Extatico bradando, ah! não, por certo,
Pode ser este o terreal assento!
Hum céo sereno, e Primavera eterna
Celestes flores, e não vistas plantas,
E, cheios de prazer, bosques sombrios,
D'aguas mais puras borbulhantes fontes,
Não por certo não tem mesquinho Globo!
Sem véos aqui contemplo, aqui descubro
Essa invisivel fluida substancia,
Que em torno fecha, e que circunda a Terra;
Que em si nuvens contém, contém vapores;
Que em si tantos fenómenos acolhe;
Que he necessaria tanto, aos sons, á vista,
Ao fogo, á vida, ás arvores, ás plantas!
Ó da Divina mão alto, infinito
Poder nunca entendido! Se a atmosfera
Não refrangesse a nós do Sol os raios,
Não se virão brilhar n'azul campina
Em distancia infinita immensos astros:
Nem o doce crepusculo se vira,
Ou quando o mesmo Sol s'esconde, e fóge,
Ou quando n'horizonte inda não surge,
Mas debil raio matutino espalha.
  Se volvo aos ceos extático meus olhos,
Vejo proximo o Sol, da luz origem;
O pelago de fogo, a ardente massa,

De que he composto o fulgurante corpo.
He elle o fixo, o luminoso ponto,
Elle o centro commum qu'em torno cercão,
Sem cessar gravitando, aureos Planetas,
A Lua já descubro, e vejo os mares,
Os largos, fundos, procellosos rios,
Que parecem, da terra, obscuras manchas,
Quando a vista de lá nos ceos espalho.
Ilhas descubro, altissimas montanhas,
De cujas frentes escabrosas desce
A luz reflexa, que da Terra eu vejo,
Luz que lhe empresta o fulgurante globo,
Origem della, e do calor origem.
Seu móto vario, e desigual contemplo
Com que mostra em seu gyro incerto o rosto;
Talvez proceda da diversa, e forte
Visivel atracção do Sol, e Terra,
Do eixo obliquo em que se agita, e móve.
Mais vivos que os Planetas, mais brilhantes
Em viva luz aos olhos se offerecem
Em sempre incerta, e variante fórma
Tão vastos, tão excentricos Cometas,
Tardios em mostrar-se, e sempre infaustos
Á vil superstição do vulgo insano,
Agoiro triste aos pálidos Tyrannos!
São duraveis, e sólidas substancias;
Da mão do Eterno Artifice são obras.
O Nada as produzio, quando na origem

Do Mundo lhe mandou, que fosse tudo.
Não quaes ousou julgar rude ignorancia
Ligeiros fogos de temor objectos,
Sem orbitas, sem leis, sem marcha, e centro.
  Quantas contemplo lucidas estrellas!
Quantos Astros centraes! Quão luminosos,
Quantos, quantos satéllites velozes
Em torno delles caminhando eu vejo!
Em tão diversos, tão distantes corpos,
Tão varios entre si, tanta harmonia!
Minha alma se confunde, e se deslumbra
Debil vista mortal. Tudo me opprime,
Eu só prodigios, só milagres vejo!
Entro no abysmo do silencio, e fico!...
  Qual o que sóbe do Apenino ao cume,
E alonga os olhos pelo immenso plano,
Onde outr'ora s'ergueo Latino Imperio,
Vastas Cidades vê, ferteis campinas,
E os restos immortaes do fasto, e gloria,
Que inda em quebrados marmores avulta,
Vê longos rios retalhando os campos,
E do Tirrheno mar, d'Ádria nas ondas
Vê náos altas rasgando o dorso a Thetis.
Depois que ávida vista em scenas tantas
Hum pouco apascentou, turvado, absorto,
Dentro em si mesmo se concentra, e fica
Vastas idéas revolvendo, quantas
Da Natureza, e da Fortuna os quadros

A seus olhos atónitos mostrárão:
Assim eu vejo em quantidade immensa
Surgir das aguas, levantar-se aos ares,
Pelos raios Febeos como attrahidas,
As humidas porções já rarefeitas;
Mais ligeiras que o ar, no ar fluctuão;
Nellas a vida tem, nellas se fórmão
A nuvem densa, as nevoas importunas,
Que, com diversa reflexão de Apóllo,
Que em seu seio refrange o accezo raio,
Variante espectaculo me amostrão.
  Dos rarefeitos ares eu descubro,
Que os ventos nascem, (portentoso arcano,
Por tantos, tantos seculos occulto!)
Os inconstantes milagrosos sopros,
(Da bemfazeja Providencia hum grito!)
Pelo inquieto campo do Oceano
Levão de hum Polo a outro ousados pinhos.
Equilibrado o fluido dos ares,
Não os oiço bramir!... Mas quem perturba
A dilatada calma, a paz tranquilla?
Quem rouba ao ar pacifico equilibrio?
Talvez, talvez, que, exhalações rompendo
Do terreo globo, e tenebrosas furnas,
Ou sobre o eixo a rotação diurna
Da Terra seja do prodigio a fonte!
  Eis com elles se agitão, se misturão,
As espalhadas fluctuantes nuvens;

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com